



RISH ANNENKOV

VIDA *e* OBRA *de*
SANTO
AGOSTINHO



Em Milão, num dia qualquer de agosto de 386 da era cristã, um homem de 32 anos de idade chorava nos jardins de sua residência. Deprimido e angustiado, estava à procura de uma resposta definitiva que lhe desse sentido para a vida. Nesse momento ouviu uma voz de criança a cantar como se fosse um refrão: "Toma e lê, toma e lê". Levantou-se bruscamente, conteve a torrente de lágrimas, olhou em torno para descobrir de onde vinha o canto, mas não viu mais que um livro sobre uma pequena mesa. Abriu e leu a página caída por acaso sob seus olhos: "Não caminheis em glotonarias e em briaguez. não nos prazeres impuros do leito e em leviandades, não em contendias e emulações, mas revesti-vos de Nosso Senhor Jesus Cristo, e não cuideis da carne com demasiados desejos".

Na página anterior: S. Agostinho, de M. Giambono (séc. XV), Museu Cívico de Pádua. (Foto Fabbri.)

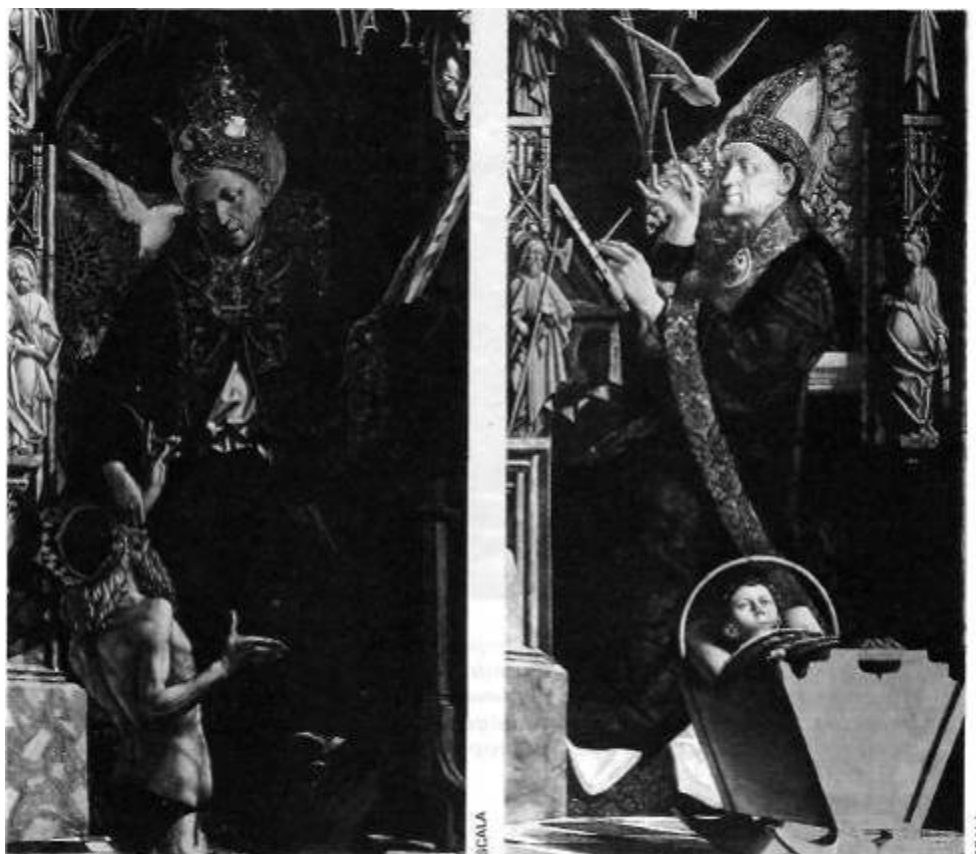
VI



Não quis ler mais. Uma espécie de luz inundou-lhe o coração, dissipando todas as trevas da incerteza e ele correu à procura da mãe para lhe contar o sucedido. Ela exultou e bendisse ao Senhor, pois o filho estava convertido pelas palavras de Paulo de Tarso, e as portas da bem-aventurança eterna abriam-se finalmente para recebê-lo.

O caminho para a salvação vinha sendo preparado pela mãe, Mônica, desde o dia 13 de novembro de 354, quando Aurelius Augustinus nasceu, em Tagaste, na província romana da Numídia, na África. Em Tagaste e Madaura, cidadezinha próxima, Agostinho fez os primeiros estudos e deveria parar por aí, mas o pai sacrificou-se para dar ao filho a educação liberal que poderia abrir-lhe as portas do magistério ou da magistratura. Para isso valeu-se de um amigo rico. Romaniano. que o ajudou a enviar o rapaz para Cartago, onde completaria os estudos superiores.

S. AGOSTINHO



As quatro grandes figuras que estruturaram a Igreja Latina: S. Jerônimo (c. 340-420), estudioso dos textos bíblicos e tradutor da Vulgata; S. Agostinho, sistematizador da doutrina; S. Gregório (c. 540-604), reformador da liturgia e da disciplina; S. Ambrósio, pregador e pastor de almas. (Michael Pacher (c. 1435-1498): Altar dos Padres da Igreja, Alte Pinakothek, Munique.)

Agostinho não foi propriamente um bom aluno: freqüentemente era espancado por gazetear e principalmente por detestar a língua grega. Como consequência, jamais pôde valer-se da leitura dos autores helênicos. não obstante se esforçasse, mais tarde, para corrigir a lacuna, a fim de aprofundar-se na exegese e na teologia. Gostava, no entanto, de ler na língua materna e toda a sua cultura se fez essencialmente latina. E foi um diálogo, hoje perdido, do clássico Cícero (106-43 a.C.). que lhe abriria as portas do saber. Chamava-se *Hortensius* e era um elogio da filosofia. Encantado com a elegância do estilo ciceroniano, recusava-se a ler a Bíblia, oferecida insistentemente pela mãe. As escrituras sagradas pareciam-lhe vulgares e indignas de um homem culto.

Antes, porém, de se interessar pelas questões intelectuais, sua atenção estava voltada para as coisas mundanas. Pontilhavam sua vida algumas pequenas más ações, comuns a todo adolescente, como roubar peras no quintal do vizinho pelo puro prazer de

enfrentar o proibido. Mais séria, entretanto, era uma ligação amorosa que os padrões da época não permitiam terminar em casamento. Foi, no entanto, inteiramente fiel à mulher amada e com ela teve um filho, Adeodato, falecido em plena adolescência.

Não eram só o prazer dos sentidos e o interesse pela filosofia os centros de sua vida, ao findar a adolescência. Antes dos vinte anos, faleceu o pai e Agostinho viu-se com pesados encargos de chefe de duas famílias. Voltou, então, para Tagaste e abriu uma escola, logo depois transferindo-se de novo para Cartago, a fim de ocupar o cargo de professor da cadeira municipal de retórica, como impunha a legislação dos imperadores romanos a todas as cidades. Como professor foi excelente, a crer nos testemunhos de Favônio Eulógio, retórico e até certo ponto filósofo, que sucederia ao mestre na mesma cátedra, e no de Alípio, amigo íntimo, companheiro de conversão e colega de episcopado, nos anos seguintes.



Teodósio I, o Grande (347-395), foi o imperador romano que fez do cristianismo religião oficial do império, ordenando a todos os súditos obediência aos dogmas do concílio de Nicéia e condenando assim as heresias dos arianos e maniqueus. ("Teodósio Recebe Homenagens dos Vinte", base de obelisco levado por Teodósio de Karnak a Constantinopla, hoje no Hipódromo de Istambul.)

A maior parte dos alunos, no entanto, fazia os cursos apenas para cumprir obrigações familiares e sociais e, conseqüentemente, não se interessava muito pelas aulas. Cansado de ser irritado por uma juventude turbulenta, depois de quase dez anos Agostinho resolveu mudar para Roma.

Enquanto não pôde transferir-se para Roma, continuou dedicado à filosofia, apesar de limitado pela ignorância do grego, a língua mais culta da época. Assim, leu as *Categorias* de Aristóteles (384-322 a.C), mas em tradução latina e sem a indispensável

introdução de Porfírio (c. 233-304). Estava limitado também pela impossibilidade de estudar nos melhores centros, como Atenas e Alexandria. Deixou-se, então, seduzir pelas doutrinas dos maniqueus, que afirmavam a existência absoluta de dois princípios, o bem e o mal, a luz e as trevas. Esperou ansiosamente pela visita de Fausto, um dos chefes da seita e homem louvado por sua alta sabedoria. O encontro, no entanto, foi decepcionante do ponto de vista das indagações intelectuais do discípulo, muito embora reconhecesse a simpatia e a capacidade de convencer do mestre, além de sua sinceridade.

O caminho da salvação

A viagem para Roma foi movida pela esperança de encontrar alunos mais tranquilos. Os amigos afirmavam também que lá Agostinho teria maiores lucros e consideração. A mãe temia por seu futuro e tudo fez para impedir a viagem, a ponto de obrigar Agostinho a enganá-la na hora da partida.

Em Roma não ficou muito tempo. Logo dirigiu-se a Milão, residência imperial, onde ocupou um cargo de professor de retórica. De manhã dedicava-se aos cursos e à tarde percorria as ante-câmaras ministeriais, pois essa era a maneira correta de "subir na vida", dentro do decadente império. As diligências nesse sentido foram feitas sem muito empenho, pois Agostinho vivia imerso em graves questões intelectuais e existenciais. Quanto às primeiras, já tinha abandonado o maniqueísmo e freqüentava a Academia platônica, então muito distante da linha de pensamento de seu criador e voltada para um ceticismo e um ecletismo não muito consistentes.

Quem esperava, como Agostinho, respostas definitivas para todos os problemas da existência, não poderia contentar-se com isso. Conheceu logo depois os discípulos de Plotino (205-270), também adeptos do platonismo, mas na sua versão mística. O neoplatonismo viria a ser a ponte que permitiria a Agostinho dar o grande passo de sua vida, pois constituía, para os católicos milaneses, a filosofia por excelência, a melhor formulação da verdade racionalmente estabelecida. O neoplatonismo era visto como uma doutrina que, com ligeiros retoques, parecia capaz de auxiliar a fé cristã a tomar consciência da própria estrutura interna e defender-se com argumentos racionais, elaborando-se como teologia. Com a maior tranquilidade passava-se, entre os católicos de Milão, das *Enéadas* de Plotino para o prólogo do Evangelho de São João ou para as epístolas de São Paulo.



Moeda de ouro da época de Agostinho, montada em anel filigranado e cunhada com a efígie do imperador Teodósio I, o Grande. Atualmente faz parte do acervo da Freer Gallery, Washington.

As preocupações existenciais de Agostinho diziam respeito à mulher amada, com a qual não poderia ligar-se de uma vez por todas, pois estava impedido legalmente de fazê-lo. Juridicamente ele era um "honestiore", isto é, de categoria superior, proibido de contrair matrimônio com pessoas dos baixos estratos. A mãe insistiu para que ele a abandonasse e procurasse outra mulher para casar, segundo as leis do mundo e os preceitos cristãos. A amada foi mandada de volta para a África e fez voto de jamais conhecer outro homem. Adeodato ficou com o pai. Agostinho deveria esperar legalmente dois anos para casar-se com a mulher que escolhera. Era tempo demasiado longo para quem sentia tão fortemente o apelo da sensualidade. Ligou-se, então, a uma concubina.

A solução para todos os problemas viria logo depois de freqüentar Santo Ambrósio (340? - 397), bispo de Milão, e debater-se até aquele dia de agosto de 386, quando a palavra do apóstolo Paulo lhe foi revelada pelo canto infantil repetido diversas vezes no jardim de sua residência: "Tolle, lege, tolle, lege". Já não mais procuraria esposa nem abrigaria qualquer esperança do mundo: penetraria naquela regra de fé, por onde, há muito, a mãe caminhava.

Bispo e pensador

A nova estrada era estreita, mas segura e luminosa. Para nela entrar Agostinho concluiu que precisava desviar-se inteiramente daquela outra, de comodidades mundanas e sensualidade pecaminosa. Em primeiro lugar, deveria desfazer-se do cargo de professor

municipal. Felizmente faltavam poucos dias para as férias das vindimas e a demissão foi facilitada. Partiu, então, para a propriedade rural do amigo Verecundo em Cassiciaco, onde descansaria "das angústias do século" juntamente com a mãe, o filho e alguns amigos, entre os quais Nebrídio e o fiel Alípio. companheiro de toda a sua vida.

O passo seguinte seria o batismo na páscoa, como era costume na Igreja dos primeiros tempos. Alípio e Adeodato também receberam o primeiro sacramento, essencial, segundo o cristianismo, para a santificação da alma.

Mônica, a mãe, tinha atingido o objetivo pelo qual lutara a vida toda e poderia esperar tranqüila a morte, que realmente ocorreu alguns meses depois, no outono de 387, na cidade de Óstia.

Agostinho estava desolado por ter perdido a mãe. mas por outro lado tinha diante de si um futuro de verdadeira alegria e esperança. Voltou a Tagaste, vendeu as propriedades paternas e, congregando em torno de si os amigos mais fiéis, organizou uma espécie de comunidade monástica. Ali pretendia passar o resto da vida em recolhimento, aprofundando a vocação religiosa e fundamentando racionalmente a fé que abraçara.

No entanto, nem tudo correu como queria e os cuidados que Agostinho tomou para não ir a cidade alguma, cuja sede vacante pudesse ser-lhe proposta, surtiram efeito por apenas três anos. Num dia de 39 1, penetrando na igreja de Hipona (hoje Annaba ou Boné, na Argélia), ouviu o bispo Valério propor à assembléia de fiéis a escolha de um coadjutor das funções sacerdotais, especialmente para o ministério da pregação. O povo não teve dúvidas e uma só voz ecoou pelo templo: "Agostinho, presbítero!"

Ele não gostou, mas atendeu ao que considerou um chamado divino. Desde então foi obrigado a deixar de lado as pretensões de se limitar à meditação teológica e não mais pôde gozar o "otium intellectualis". como tanto desejara. As exigências do ministério, e principalmente as funções pastorais, revelaram-se exaustivas e pouco tempo sobrava para o trabalho de pensamento. Vigário aos 36 anos. bispo coadjutor de Valério aos 41 e sucessor deste, logo depois, Agostinho permaneceria por mais de quarenta anos ligado à igreja de Hipona, dividindo-se entre tarefas administrativas e reflexão filosófica. Mas isso não deixou de ter aspectos positivos, na medida em que o resguardou de um recolhimento muito severo e o fez conhecer aspectos da fé popular, tais como o culto das relíquias e dos mártires.

O contato com o povo fazia-se de múltiplas maneiras. Em primeiro lugar, nos ofícios propriamente religiosos de celebração da liturgia, administração dos sacramentos e pregação nos domingos e festas de guarda, quando não todos os dias. O ministério da palavra produziu um número enorme de sermões, quinhentos dos quais foram recolhidos pelos estenógrafos e chegaram até os dias de hoje. Além disso, Agostinho dirigia a instrução catequética dos futuros batizando e dedicava-se à direção espiritual e a obras de caridade. Aos poucos, essas responsabilidades alargaram-se ainda mais: defendia os pobres, intervinha junto aos poderosos e magistrados em favor dos condenados ou oprimidos, procurava fazer respeitar o direito de asilo. Se tudo isso não bastasse, era ainda obrigado a administrar o patrimônio da igreja e exercer as funções seculares de verdadeiro juiz, pois desde Constantino (288? - 337) o império tinha reconhecido a competência da autoridade episcopal nos processos civis.

Apesar de tudo, conseguiu redigir uma obra imensa, a maior parte da qual inspirada em problemas concretos que preocupavam a Igreja da época. Excetuaram-se alguns poucos livros, como as *Confissões*, onde Agostinho se revela admirável analista de problemas psicológicos íntimos tanto quanto de questões puramente filosóficas, e o *De Trinitate*, ao que parece, fruto de uma exigência interior e espontânea. Entre as principais obras de Agostinho, situam-se: *Contra os Acadêmicos* (escrita em 386). *Soliloquios* (387), *Do Livre Arbítrio* (388-39 5), *De Magistro* (389). *Confissões* (400), *Espírito e Letra* (412), *A Cidade de Deus* (413-426) e as *Retratações* (413-426).

Quase todas assumiram caráter polêmico, em decorrência dos diversos conflitos que o bispo de Hipona teve de enfrentar. Esse aspecto foi tão importante que levou São Posídio, amigo e primeiro biógrafo de Agostinho, a classificá-las conforme os adversários enfrentados: pagãos, astrólogos, judeus, maniqueus, priscilianistas, donatistas, pelagianos, arianos e apolinaristas.

A medida que os anos passavam e a velhice começava a chegar, Agostinho preocupava-se em reservar mais tempo para dedicar-se ao trabalho de escrever. Em 414 esforçou-se para eliminar as ocupações exteriores e conseguiu, pelo menos, não ter que se deslocar para a sede da igreja africana em Cartago. Pôde, então, passar alguns anos mais tranquilos. Mas só em 426, já com 72 anos de idade, obteve permissão para ficar livre durante cinco dias por semana, passando a quase totalidade das funções episcopais para o

presbítero Heráclio. Pôs-se, então, a colocar os seus livros em ordem, catalogando-os para a posteridade.

O fim da vida estava chegando e viria junto com a invasão dos vândalos, que, depois da devastação da Espanha, penetraram na África e sitiaram Hipona. Pouco depois de a cidade ser incendiada pelos bárbaros, Agostinho adoeceu.



“... Não me saciava, nesses primeiros dias, de considerar com inefável doçura a profundezça de Vossos planos sobre a salvação da humanidade. Quanto não chorei, fortemente comovido, ao escutar os hinos e cânticos ressoando mariosamente na Vossa igreja! ...” (Cena do batismo de Agostinho, anônimo alemão do século XV, Convento de Novacella, Bressanone, Itália.)

Morreu no dia 23 de agosto de 430. Despedia-se assim da "cidade dos homens", que considerava pecaminosa e em trevas, e penetrava na "Cidade de Deus". Deixava, no

entanto, uma obra de pensamento que reinaria no Ocidente cristão durante pelo menos sete séculos, até que outras cabeças pensassem a nova fé em termos filosóficos diferentes.

A Patrística

A nova fé não era tão nova assim; já tinha quatro séculos de existência, durante os quais transformara-se profundamente. No começo, tal como se encontra no Novo Testamento, era uma doutrina aparentemente simples, constituída por algumas regras de conduta moral e pela crença na salvação através do sacrifício de Cristo. Não tinha nenhuma fundamentação filosófica, isto é, não se apresentava como um conjunto de idéias produzidas e sistematizadas pela razão em um todo lógico. Era uma religião revelada e não uma filosofia. Mas era também uma religião que servia como instrumento de contestação da ordem imperial vigente e vivia em permanente conflito com os senhores romanos. Por isso desenvolveu instrumentos de defesa para sobreviver. As armas foram buscadas no campo do próprio adversário: os filósofos gregos e seus continuadores na época helenística e romana. Esse esforço de conciliação das verdades reveladas com idéias filosóficas, empreendido pelos primeiros pensadores cristãos. Padres da Igreja, produziu a chamada filosofia Patrística, que não chegou a formular sistemas completos de filosofia cristã. Os primeiros Padres da Igreja limitaram-se a elaborações parciais de alguns problemas apologeticos e teológicos. Em outros termos, o que se encontra na Patrística são escritos de elogio ao cristianismo e tentativas de mostrá-lo como doutrina não-oposta às verdades racionais do pensamento helênico. tão respeitado pelas autoridades romanas. São Justino (séc. II), Clemente de Alexandria (séc. II e III) e Orígenes (séc. III) caminharam por essa via e revestiram a revelação cristã de elementos da especulação filosófica grega. Em contraposição, os chamados apologistas latinos reagiram contra essa mistura e defenderam a originalidade da revelação cristã, fundada exclusivamente na fé e nada tendo a ver com a especulação racional.

Tertuliano (séc. II e III) afirmava crer ainda que isso fosse absurdo. No fundo ele tinha razão, pois muitos séculos depois se comprovaria que o pensar racional dificilmente é compatível com a verdade admitida como fruto de revelação. Mas não foi isso que se evidenciou nos primeiros séculos do cristianismo e cada vez mais a filosofia serviu à teologia, sendo Agostinho o principal adepto dessa maneira de pensar. Para ele

confluíram às tendências conflitantes da Patrística e sua função histórica foi sintetizar todos os seus componentes.



"Não conheci palavras tão puras que tanto me persuadissem a confessar-Vos . . ."

(A. da Messina: S. Agostinho, Gal. Nac. de Palermo.)

Fé e razão

A síntese que realizou, ele mesmo deu a denominação de "filosofia cristã". O núcleo em torno do qual gravitam todas as suas idéias é o conceito de beatitude. O problema da felicidade constitui, para Agostinho, toda a motivação do pensar filosófico. Uma das últimas obras que redigiu, a *Cidade de Deus*, afirma que "o homem não tem razão

para filosofar, exceto para atingir a felicidade". A tese é defendida valendo-se de um manual de Marcus Terentius Varro (116-27 a.C), onde se encontram definidas 288 diferentes teorias filosóficas, reais e possíveis, tendo todas em comum a mesma questão: como obter a felicidade? A filosofia é, assim, entendida não como disciplina teórica que coloca problemas à estrutura do universo físico ou à natureza dos deuses, mas como uma indagação sobre a condição humana à procura da beatitude.

A beatitude, no entanto, não foi encontrada por Agostinho nos filósofos clássicos que conhecera na juventude, mas nas Sagradas Escrituras, quando iluminado pelas palavras de Paulo de Tarso. Não foi fruto de procedimento intelectual, mas ato de intuição e de fé.



Apesar de refutar a doutrina da substancialidade do mal e afirmar que este não é mais do que uma privação do bem, a visão maniqueísta de um permanente conflito entre Deus e o diabo está sempre presente no pensamento de Agostinho. ("Santo Agostinho Ora por Todo o Império Romano", iluminura de uma edição francesa (séc. XV) da Cidade de Deus, Biblioteca Real da Bélgica, Bruxelas.)

Impunha-se, portanto, conciliar as duas ordens de coisas e com isso Agostinho retorna à questão principal da Patrística, ou seja, ao problema das relações entre a razão e a fé, entre o que se sabe pela convicção interior e o que se demonstra racionalmente, entre a verdade revelada e a verdade lógica, entre a religiosidade cristã e a filosofia pagã. Desde

a conversão. Agostinho se propôs a atingir, pela fé nas Escrituras, o entendimento daquilo que elas ensinam, colocando a fé como a via de acesso à verdade eterna. Mas, por outro lado, sustentou que a fé é precedida por um certo trabalho da razão. Ainda que as verdades da fé não sejam demonstráveis, isto é, passíveis de prova, é possível demonstrar o acerto de se crer nelas, e essa tarefa cabe à razão. A razão relaciona-se, portanto, duplamente com a fé; precede-a e é sua consequência. É necessário compreender para crer e crer para compreender ("Intellige ut credas, crede ut intelligas").

Mesmo que essa tese não tenha maior rigor filosófico e soe mais como fórmula retórica do que como argumentação lógica, teve grande força, pois era um claro resultado da história pessoal de Agostinho. Antes da conversão ele andara inquieto pelos caminhos das elaborações racionais dos maniqueus, do ecletismo ciceroniano e do neoplatonismo de Plotino. Todos, especialmente o último, prepararam a explosão mística de iluminação pela fé. Depois desta, utilizou tudo o que sua cultura filosófica lhe fornecia, no sentido de racionalizar os dogmas cristãos.

A filosofia é, para Agostinho, apenas um instrumental auxiliar destinado a um fim que transcende seus próprios limites. Por isso muitos vêem nele um teólogo e um místico e não propriamente um filósofo. Todavia, seu pensamento manifesta freqüentemente grande penetração filosófica na análise de alguns problemas particulares e a verdade é que Agostinho conseguiu sistematizar uma grandiosa concepção do mundo, do homem e de Deus, que se tornou, por muito tempo, a doutrina fundamental da Igreja Católica.

O conhecimento

O primeiro problema filosófico, focalizado por Agostinho logo após a conversão, foi o dos fundamentos do conhecimento, para o qual necessitava urgente de uma resposta racional. Antes debatera-se dentro dos limites do ceticismo da Nova Academia platônica, dominada pelas análises de Arcesilau (315-241 a.C.) e Carnéades (214-129 a.C.), que sustentavam a tese de que não é possível encontrar um critério de evidência absoluta e indiscutível, o conhecimento limitando-se ao meramente verossímil, provável ou persuasivo.

Mas a verdade religiosa encontrada pelo bispo africano, a partir das palavras de Paulo de Tarso, era sólida e firme. Impunha-se, pois, combater os céticos e para isso o neoconverso usaria as armas do adversário. Para os céticos, a fonte de todo o

conhecimento era a percepção sensível, na qual não se poderia encontrar qualquer fundamento para a certeza, já que os sentidos forneciam dados variáveis e, portanto, imperfeitos.

No retiro de Cassiciaco, logo após a conversão, Agostinho pôs-se a meditar sobre o assunto e redigiu o diálogo *Contra os Acadêmicos*, reabilitando, através de engenhosa argumentação, os sentidos como fonte de verdade. O erro — diz ele — provém dos juízos que se fazem sobre as sensações e não delas próprias. A sensação enquanto tal jamais é falsa. Falso é querer ver nela a expressão de uma verdade externa ao próprio sujeito.

Assim, nenhum cético pode refutar alguém que afirme simplesmente: "Eu sei que isto me parece branco; limito-me à minha percepção e encontro nela uma verdade que não me pode ser negada". Muito diferente seria afirmar somente: "Isto é branco". Neste caso o erro torna-se possível, no primeiro não. Assim, existiria pelo menos uma verdade absoluta, que estaria implicada no próprio ato de perceber.

Posteriormente (na *Cidade de Deus*), Agostinho levou a argumentação às últimas conseqüências e antecipou a reflexão cartesiana, formulada doze séculos depois: "Se eu me engano, eu sou, pois aquele que não é não pode ser enganado". Com isso atingia a certeza da própria existência.

Essa primeira certeza, além de fundamentar toda uma teoria dogmática do conhecimento, parecia permitir também a revelação da própria essência do ser humano: o homem seria sobretudo um ser pensante e seu pensamento *não* se confundiria com a materialidade do corpo.

A alma e o corpo

Essa concepção de homem provinha de Platão (428-348 a.C.) e foi conhecida por Agostinho, pouco antes da conversão, através de Plotino. No diálogo *Alcibíades*, Platão define o homem *como* uma alma que se serve de um corpo, e Agostinho mantém permanentemente esse conceito com todas as conseqüências lógicas que ele comporta, dentre as quais a principal é a idéia de transcendência hierárquica da alma sobre o corpo. Presente em sua morada terrena, a alma teria funções ativas em relação ao corpo: atenta a tudo o que se passa ao redor, nada deixa escapar à sua ação. Os órgãos sensoriais sofreriam as ações dos objetos exteriores, mas com a alma isso não poderia acontecer,

pois o inferior não pode agir sobre o superior. Ela, no entanto, não deixaria passar despercebidas as modificações do corpo e, sem nada sofrer, tiraria de sua própria substância uma imagem semelhante ao objeto: Essa imagem, que constituiria a sensação, *não* é, portanto, paixão sofrida pela alma. mas ação.

Entre as sensações, algumas referem-se às necessidades e estados do corpo, outras dizem respeito a coisas exteriores. O caráter distintivo desses objetos é a instabilidade; aparecem e desaparecem, estão aí e já não estão mais, sem que seja possível apreendê-los de uma vez por todas. Com isso ficam inteiramente excluídos de qualquer conhecimento verdadeiro, pois este exige necessariamente estabilidade e permanência. O conhecimento não seria, portanto, apreensão de objetos exteriores ao sujeito, tal como são dados à percepção. Seria, antes, a descoberta de regras imutáveis, tais como " $2+2=4$ ", ou então o princípio ético segundo o qual é necessário fazer o bem e evitar o mal. Tanto num caso como no outro refere-se a realidades não-sensíveis, cujo caráter fundamental seria a necessidade, pois são o que são e não poderiam ser diferentes. Da necessidade do conhecimento decorreria sua imutabilidade e, desta, a sua eternidade.

Essa conclusão coloca desde logo um problema, pois revela a existência de dois tipos inteiramente diferentes de conhecimento. O primeiro, limitado aos sentidos e referente aos objetos exteriores ou suas imagens, não é necessário, nem imutável e nem eterno; o segundo, encontrado na matemática e nos princípios fundamentais da sabedoria, constitui a verdade. Essa verificação permite que se indague: será o próprio homem a fonte dos conhecimentos perfeitos? Contra a resposta afirmativa depõe o fato de ser o homem tão mutável quanto as coisas dadas à percepção, e justamente por isso ele se inclina reverente diante da verdade que o domina. Assim, só haveria uma resposta possível: a aceitação de que alguma coisa transcende a alma individual e dá fundamento à verdade. Seria Deus.

A luz da verdade

Para explicar como é possível ao homem receber de Deus o conhecimento das verdades eternas, Agostinho elabora a doutrina da iluminação divina. Trata-se de uma metáfora recebida de Platão, que na célebre alegoria da caverna mostra ser o conhecimento, em última instância, o resultado do bem, considerado como um sol que ilumina o mundo inteligível. Agostinho louva os platônicos por ensinarem que o princípio

espiritual de todas as coisas é, ao mesmo tempo, causa de sua própria existência, luz de seu conhecimento e regra de sua vida. Por conseguinte, todas as proposições que se percebem como verdadeiras seriam tais porque previamente iluminadas pela luz divina. Entender algo inteligivelmente equivaleria a extrair da alma sua própria inteligibilidade e nada se poderia conhecer intelectualmente que já não se possuísse antes, de modo infuso.

Ao afirmar esse saber prévio, Agostinho aproxima-se da doutrina platônica segundo a qual todo conhecimento é reminiscência. Não obstante as evidentes ligações entre os dois pensadores. Agostinho afasta-se, porém, de Platão ao entender a percepção do inteligível na alma não como descoberta de um conteúdo passado, mas como irradiação divina no presente. A alma não passaria por uma existência anterior, na qual contempla as idéias: ao contrário, existiria uma luz eterna da razão que procede de Deus e atuaria a todo momento, possibilitando o conhecimento das verdades eternas. Assim como os objetos exteriores só podem ser vistos quando iluminados pela luz do Sol, também as verdades da sabedoria precisariam ser iluminadas pela luz divina para se tornarem inteligíveis.

A iluminação divina, contudo, não dispensa o homem de ter um intelecto próprio; ao contrário, supõe sua existência. Deus não substitui o intelecto quando o homem pensa o verdadeiro; a iluminação teria apenas a função de tornar o intelecto capaz de pensar corretamente em virtude de uma ordem natural estabelecida por Deus.

Essa ordem é a que existe entre as coisas do mundo e as realidades inteligíveis correspondentes, denominadas por Agostinho com diferentes palavras: idéia, forma, espécie, razão ou regra.

A teoria agostiniana estabelece, assim, que todo conhecimento verdadeiro é o resultado de um processo de iluminação divina, que possibilita ao homem contemplar as idéias, arquétipos eternos de toda a realidade. Nesse tipo de conhecimento a própria luz divina não é vista, -mas serve apenas para iluminar as idéias. Um outro tipo seria aquele no qual o homem contempla a luz divina, olhando o próprio sol: a experiência mística.



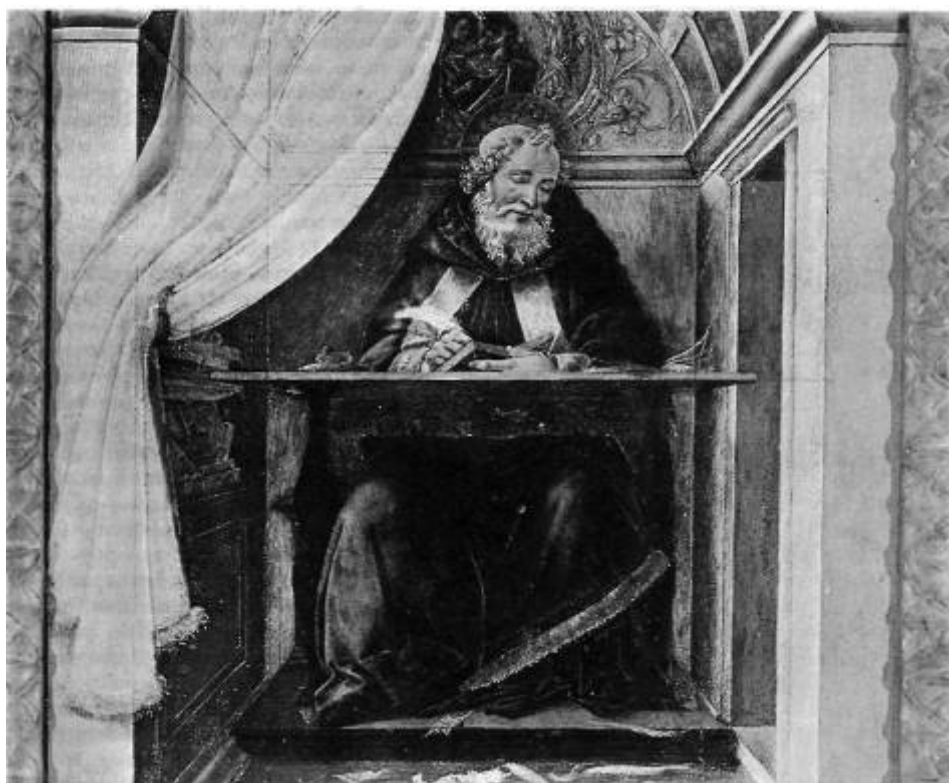
O último dos quatro grandes Padres da Igreja fundamentou quase todas as suas doutrinas na obra de Agostinho. (Antonello da Messina: S. Gregório Magno, Galeria Nacional de Palermo.)

Deus

A experiência mística revelaria ao homem a existência de Deus e levaria à descoberta dos conhecimentos necessários, eternos e imutáveis existentes na alma. Implica, pois, a concepção de um ser transcendente que daria fundamento à verdade. Deus, assim encontrado, é, ao mesmo tempo, uma realidade interna e transcendente ao pensamento. Sua presença seria atestada por todos os juízos formados pelo homem, sejam científicos, estéticos ou morais. Mas, por outro lado, a natureza divina escaparia ao alcance humano. Deus é inefável e mais fácil é dizer o que Ele não é do que defini-lo. A

melhor forma de designá-lo, segundo Agostinho, é a encontrada no livro do Êxodo, quando Jeová, dirigindo-se a Moisés, afirma: "Eu sou o que sou". Deus seria a realidade total e plena, a "essentia" no mais alto grau. E, a rigor, tal palavra deveria ser empregada tão-somente para designá-Lo. Todas as demais coisas não têm propriamente essência, pois, sendo mutáveis, seriam constituídas pela mistura do ser e do não-ser.

A argumentação centralizada na noção de ser originou-se na filosofia grega. Provinha de Parmênides de Eléia (séc. VI-V a.C.) e Heráclito de Éfeso (séc. VI-V a.C.) e foi sistematizada por Platão, a partir do qual percorreu um longo caminho até chegar a Agostinho, através de Plotino. Parmênides tinha demonstrado que o conceito de ser implica logicamente sua unidade, porquanto a multiplicidade só poderia sustentar-se na medida em que se admitisse o absurdo da existência do não-ser. Da unidade decorreria necessariamente que o ser é eterno, imóvel, indivisível e imutável. Por outro lado, tornavam-se inconcebíveis logicamente as idéias de movimento e transformação. Em outras palavras, o mundo revelado pelos sentidos estaria em desacordo com as exigências da razão.



"Todas estas coisas Te pertencem e são boas porque foram criadas por Ti, que és Bom. Não existe nada nelas que provenha de nós, a não ser o pecado pelo qual, com desprezo da ordem, nós amamos, em vez de Ti, o que vem de Ti." (Botticelli: "S. Agostinho em sua Cella", Gal. degli Uffizi, Florença.)

Platão procurou solucionar o problema, formulando a teoria das idéias (ser). causas inteligíveis do mundo das coisas sensíveis (ser-não-ser). As idéias seriam arquétipos

incorpóreos, eternos e imutáveis, dos quais os objetos concretos seriam cópias imperfeitas e perecíveis. Platão afirmou ainda a existência de uma hierarquia entre os dois mundos e dentro do próprio universo das idéias. Estas se escalonariam em graus de perfeição, sendo principais as idéias de verdade, belo e bem. que, por sua vez. reúnem-se na idéia de uno. conceito fundamental de toda a filosofia de Plotino. Bastava dar mais um passo para se identificar o uno plotiniano com o Deus cristão. Agostinho deu esse passo e ligou definitivamente o pensamento cristão à filosofia platônica.

Agostinho concebe a unidade divina não como vazia e inerte, mas como plena, viva e guardando dentro de si a multiplicidade. Deus compreende três pessoas iguais e consubstanciais: Pai. Filho e Espírito Santo. O Pai é a essência divina em sua insondável profundidade: o Filho é o verbo, a razão ou a verdade, através da qual Deus se manifesta: o Espírito Santo é o amor. mediante o qual Deus dá nascimento a todos os seres.

A teoria da criação do mundo manifesta claramente a originalidade do pensamento cristão diante da filosofia helênica. Os gregos sempre conceberam o mundo como eterno e Deus, para eles. seria o artífice que trabalha um material incriado e é capaz de dar forma ao que sempre existiu e sempre existirá. Deus criaria apenas a ordem, transformando em *cosmo* o caos originário. Muito diferente é a concepção cristã formulada por Agostinho, para quem Deus, por sua própria essência trina, é criador de todos os seres, a partir de nada além dele e como consequência apenas de seu amor infinito. Deus não seria um artista que dá forma a uma certa matéria; seria o criador de todas as formas e todas as matérias.

Ligado ao problema da criação. Agostinho investigou a noção de tempo, revelando grande penetração analítica. O tempo é por ele entendido como constituído por momentos diferentes de passado, presente e futuro; o que significa descontinuidade e transformação. Conseqüentemente, a criação do tempo coincide com a criação do mundo, ele é a estrutura fundamental do próprio mundo. Ao contrário. Deus. o ser por excelência, que é. foi e será. está completamente fora do tempo, é imutável e eterno. Em outros termos, o mundo, sendo uma mescla de ser e não-ser, carrega dentro de si *um* processo de transformação que o faz caminhar do ser para o não-ser. ou vice-versa. Esse processo constitui a sucessão temporal de passado, presente e futuro, o que não acontece, evidentemente, com Deus, único e verdadeiro ser e. portanto, eterno.

Sendo imutável. Deus é a plenitude do ser. a perfeição máxima e o bem absoluto. A partir dessa idéia Agostinho constrói a doutrina metafísica do bem e do mal. mais uma vez revelando sua dependência filosófica em relação ao neoplatonismo de Plotino. no qual encontra-se a mesma doutrina, despojada, no entanto, da vestimenta cristã.

O mundo criado, manifestação da sabedoria e da bondade de Deus. é uma obra perfeita. Esse fato é freqüentemente menosprezado, segundo Agostinho, porque se vê o mundo de maneira parcial, considerando-se certas coisas como más. É necessário contemplá-lo como um todo. para que ele se revele em toda a sua esplendorosa beleza e bondade. Tudo aquilo que é é necessariamente bom, pois a idéia de bem está implicada na idéia de ser. Deus não é, portanto, a causa do mal, da mesma forma que a matéria também não poderia produzi-lo pois ela é criatura de Deus.

A natureza do mal deve. assim, ser encontrada no conceito absolutamente contrário ao conceito de Deus como ser, ou seja, no não-ser. O mal fica, portanto, destituído de toda substancialidade. Ele seria apenas a privação do bem. Não existem, como queriam os maniqueus, dois princípios igualmente poderosos a reger o mundo, mas tão-somente um: Deus, infinitamente bom.

O homem e o pecado

Deus é a bondade absoluta e o homem é o réprobo miserável condenado à danação eterna e só recuperável mediante a graça divina. Eis o cerne da antropologia agostiniana.

Para o bispo de Hipona, o homem é uma criatura privilegiada na ordem das coisas. Feito à semelhança de Deus, desdobra-se em correspondência com as três pessoas da Trindade. As expressões dessa correspondência encontram-se nas três faculdades da alma. A memória, enquanto persistência de imagens produzidas pela percepção sensível, corresponderia à essência (Deus Pai), aquilo que é e nunca deixa de ser; a inteligência seria o correlato do verbo, razão ou verdade (Filho); finalmente, a vontade constituiria a expressão humana do amor (Espírito Santo), responsável pela criação do mundo.

De todas essas faculdades, a mais importante é a vontade, intervindo em todos os atos do espírito e constituindo o centro da personalidade humana. A vontade seria essencialmente criadora e livre, e nela tem raízes a possibilidade de o homem afastar-se de Deus. Tal afastamento significa, porém, distanciar-se do ser e caminhar para o não-ser,

isto é, aproximar-se do mal. Reside aqui a essência do pecado, que de maneira alguma é necessário e cujo único responsável seria o próprio livre arbítrio da vontade humana.



Ilustrações de uma edição inglesa da Cidade de Deus representam discípulos de Agostinho ouvindo uma predica, e o julgamento de uma alma. (Bibl. Laurenziana, Florença.)

O pecado é, segundo Agostinho, uma transgressão da lei divina, na medida em que a alma foi criada por Deus para reger o corpo, e o homem, fazendo mau uso do livre arbítrio, inverte essa relação, subordinando a alma ao corpo e caindo na concupiscência e na ignorância. Voltada para a matéria, a alma acaba por secar-se pelo contato *com* o sensível, dando a ele o pouco de substância que lhe resta, esvaindo-se no não-ser e considerando-se a si mesma como um corpo.

No estado de decadência em que se encontra, a alma não pode salvar-se por suas próprias forças. A queda do homem é de inteira responsabilidade do livre arbítrio humano, mas este não é suficiente para fazê-lo retornar às origens divinas. A salvação não é apenas uma questão de querer, mas de poder. E esse poder é privilégio de Deus. Chega-se, assim, à doutrina da predestinação e da graça, uma das pedras de toque do agostinismo.

A graça é necessária para que o homem possa lutar eficazmente contra as tentações da concupiscência. Sem ela o livre arbítrio pode distinguir o certo do errado, mas não pode tornar o bem um fato concreto. A graça precede todos os esforços de salvação e é seu instrumento necessário. Ajunta-se ao livre arbítrio sem, entretanto, negá-lo; é um fator de correção e não o aniquila. Sem o auxílio da graça, o livre arbítrio elegeria o mal; com ela, dirige-se para o bem eterno.

Mas, segundo Agostinho, nem todos os homens recebem a graça das mãos de Deus; apenas alguns eleitos, que estão, portanto, predestinados à salvação. A propósito da graça, Agostinho polemizou durante anos com o monge Pelágio (c. 360-c. 420) e seus seguidores. Os pelagianistas insistiam no esforço que o homem deve dispender para obter a salvação e encareciam a eficácia do livre arbítrio. Com isso minimizavam a intervenção da graça, quando não chegavam a negá-la totalmente. A experiência pessoal de Agostinho, no entanto, atestava vigorosamente contra a tese de Pelágio e por causa disso reagiu decidida e, às vezes, violentamente. A controvérsia jamais foi totalmente solucionada e os teólogos posteriores dividiram-se em torno da questão. Calvino (1509-1564), por exemplo, levou as teses agostinianas às últimas conseqüências: depois do pecado original, o homem está totalmente corrompido pela concupiscência e depende exclusiva e absolutamente da vontade divina a concessão da graça para a salvação. Outros aproximaram-se de Pelágio, tentando restaurar o primado do livre arbítrio e das ações humanas como fonte de salvação.

Agostinho tudo fez para conciliar as duas teses opostas. Por um lado, a vontade é livre para escolher o pecado e aquele que peca é inteiramente responsável por isso, e não Deus; da mesma forma, aquele que age segundo o bem divino não deve esquecer que sua própria vontade concorreu para essa boa obra. Por outro lado, a graça seria soberanamente eficaz, pois a vontade não é capaz de nenhum bem sem o seu concurso. A graça e a liberdade não se excluem, antes, completam-se.



"... todos os seres são bons, uma vez que o criador de todos, sem exceção, é soberanamente bom. Entretanto, como não são como o próprio criador, soberana e imutavelmente bons, o bem pode aumentar ou diminuir neles." (Ilustração do século XV, para edição francesa da Cidade de Deus, representa a cidade terrena e a cidade divina; Museu Meermann Westreenianum, Haia.)

A teoria da graça e da predestinação constitui o cerne da antropologia agostiniana. Da mesma forma, a dualidade dos eleitos e dos condenados é a estrutura explicativa da filosofia da história exposta na *Cidade de Deus*. Nessa obra repetem-se também as oposições entre inteligível e sensível, alma e corpo, espírito e matéria, bem e mal, ser e não-ser, sintetizando os aspectos essenciais do pensamento de Agostinho.

A história é vista pelo bispo de Hipona como resultado do pecado original de Adão e Eva, que se transferiu a todos os homens. Aqueles que nele persistem constroem

a cidade humana, ou terrena, onde são permanentemente castigados. Os eleitos pela graça divina edificam a Cidade de Deus e vivem em bem-aventurança eterna. A construção progressiva da Cidade de Deus seria, pois, a grande obra começada depois da criação e



Agostinho morreu em Hipona, a 23 de agosto de 430. Pouco antes, a cidade tinha sido incendiada pelos vândalos, que a haviam sitiado. Nessa ocasião, quando a doença ainda não o atingira, o idoso bispo de 75 anos deu ajuda aos fugitivos do massacre dos bárbaros, (Afresco de Ottaviano Nelli, na Igreja de Gubbio, Itália, representa a morte de Santo Agostinho.)

incessantemente continuada. Ela daria sentido à história e todos os fatos ocorridos trariam a marca da providência divina. Caim, o dilúvio, a servidão dos hebreus aos egípcios, os impérios assírios e romano, são expressões da cidade terrena. Ao contrário, Abel, o episódio da arca de Noé. Abraão. Moisés, a época dos profetas e, sobretudo, a vinda de Jesus, são manifestações da Cidade de Deus.

Agostinho assim pensava porque estava contemplando a destruição final do Império Romano, depois do saque de Roma por Alarico (c. 370-410) em 410. e precisava dar uma resposta aos que acusavam o cristianismo de responsável pelo desastre. Para Agostinho não era um desastre: era apenas a mão de Deus castigando os homens da cidade terrena e anunciando o triunfo final do cristianismo.



'...aquele descanso com que Vós repousastes no sétimo dia, após tantas obras excelentes e sumamente boas, ainda que as realizastes sem fadiga, significa que nós também, depois de nossos trabalhos, bons porque no-los concedestes, descansaremos em Vós no sábado da vida eterna.' (Afresco de Ottaviano Nelli, na Igreja de Gubbio, Itália, representa os funerais de Santo Agostinho.)

Estava findando a Antigüidade e preparando-se a Idade Média. A nova era seria dominada pela palavra do bispo de Hipona. pois ninguém como ele tinha conseguido, na filosofia ligada ao cristianismo, atingir tal profundidade e amplitude de pensamento. Vinculou a filosofia grega, especialmente Platão, aos dogmas cristãos, mas, quando isso não foi possível, não teve dúvidas em optar pela fé na palavra revelada. Combateu vigorosamente o maniqueísmo. enquanto teoria metafísica, embora permanecesse visceralmente impregnado de uma concepção nitidamente dualista que contrapunha o homem a Deus, o mal ao bem. as trevas à luz.

CRONOLOGIA

313 — Constantino promulga o Edito de Milão, tornando o cristianismo religião oficial do Império Romano Ocidental.

350 — Ulfilá traduz a Bíblia para o gótico.

354 — *Agostinho nasce em Tagaste, Numídia, na África.*

355 — Invasão da Gália pelos francos, alamanos e saxões. Os hunos surgem na Rússia.

365 — *Agostinho estuda em Madaura.*

369 — *Vive em Tagaste.*

370 — *Estuda em Cartago.* Os hunos atingem o Don e vencem os ostrogodos.

372 — *Nasce o filho Adeodato. Agostinho descobre a filosofia através de Cícero e segue os maniqueístas.*

373 — *Leciona em Tagaste.* Santo Ambrósio torna-se bispo de Milão.

374 — *Leciona em Cartago*. 380 — Teodósio e Graciano contêm os godos no Épiro e na Dalmácia. O Edito de Teodósio torna o cristianismo religião oficial no Império Romano do Oriente.

383 — *Agostinho abandona o maniqueísmo e leciona em Roma*.

384 — *É professor em Milão*. São Jerônimo começa a tradução da Bíblia para o latim, tradicionalmente conhecida como *Vulgata*.

386 — *Agostinho descobre o neoplatonismo; lê as cartas de Paulo de Tarso; converte-se ao cristianismo; parte para Cassiciaco, demite-se do cargo de professor e redige Contra Acadêmicos, De Beata Vita e De Ordine*.

Teodósio repele os godos no Danúbio.

387 — *Agostinho é batizado juntamente com Alípio e Adeodato; passa algumas semanas em Roma, depois da morte de Mônica, sua mãe, e escreve De Imortalitate Animae*.

388 — *Parte para a África e começa a viver monasticamente em Tagaste. Redige De Vera Religione*.

389 — *Morte de Adeodato*.

390 — Conflito entre Santo Ambrósio e Teodósio.

391 — *Agostinho torna-se presbítero de Hipona*.

392 — *Polemiza com o maniqueu Fortunato*. O direito de asilo é reconhecido nas igrejas. São Jerônimo escreve *De Viris Illustribus*.

394 — Os Jogos Olímpicos são suprimidos.

395 — *Agostinho torna-se bispo de Hipona*. Sulpício Severo escreve *A Vida de São Martinho*. Os hunos invadem a Ásia e chegam até Antióquia.

396 — Os godos invadem a Grécia. Fim dos Mistérios de Elêusis.

397/398 - *Agostinho redige As Confissões*. 399/422 - *Redige a obra De Trinitate*.

400 — Os hunos atingem o Elba.

407 — Invasão da Gália pelos vândalos e suevos.

408 — Os saxões entram na Bretanha.

409 — Pelágio em Cartago. Os vândalos e os suevos invadem a Espanha.

410 — Alarico conquista Roma.

413 — *Agostinho começa a redigir A Cidade de Deus*. 417 — Paulus Orosius, discípulo de Agostinho publica a *Historia Universalis*.

429 — Os vândalos penetram na África .

430 — *Agostinho falece em 28 de agosto*.

BIBLIOGRAFIA

Principais edições do texto original das obras completas: "princeps" de Amerbach (Bale, 1506); dos beneditinos (Paris, 1679); de Migne (1681).

MARTIN, J.: *Saint Augustin*, Alcan, Paris, 1901 (2.^a edição em 1923).

PORTALIE', E.: *Augustin (Saint)*, in *Dictionnaire de Théologie Catholique*, tomo I, Paris, 1902.

GILSON, ÉTIENNE: *Introduction à l'étude de Saint Augustin*, J. Vrin, Paris, 1929 (2.^a edição em 1943).

BOYER, CHARLES: *Essai sur la Doctrine de Saint Augustin*, 1932.

BARDY, G.: *Saint Augustin*, Desclée de Brower, Paris, 1940.

SCIACCA, M. F.: *S. Agostino*, Morcelliana, Bréscia, 1948.

MARKUS, R. A.: *Augustine*, in *A Critical History of Western Philosophy*, edição de D. J. O'Connor, The Free Press of Glencoe -Macmillan Company, Nova York, 1964.

Estudos em português ou editados no Brasil: TEIXEIRA DE PASCOAES, *Santo Agostinho*, Livraria Civilização, Porto, 1945.

Rico, ÂNGELO: *Notas sobre o De Magistro*, in *Veritas*, Revista da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, volume I, dezembro de 1956.

MARROU, HENRY e BONNARDIERE, A. M. LA: *Santo Agostinho e o Agostinismo*, tradução de Ruy Flores Lopes, Livraria Agir Editora, Rio de Janeiro, 1957.

SCIACCA, M. F.: *Santo Agostino Essenziale*, in *Publicações do Instituto de Filosofia da Universidade do Rio Grande do Sul*, boletim n.º 2.

RAMOS, GUIDO SOARES: *La Moral Agustiniana*, *idem*, n.º 8, 1960.

Copyright mundial Abril S.A. Cultural Industrial, São Paulo, 1980.

Os melhores livros

Recomendados



01
A Revolução
dos Bichos

Avaliação 8/10



02
Dom
Casmurro

Avaliação 7/10



03
A
República

Avaliação 8/10



04
Alice no País
das Maravilhas

Avaliação 9/10



05
O
Alienista

Avaliação 8/10



06
A
Metamorfose

Avaliação 7.5/10

Escolha a sua próxima leitura!